

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

PORTUGUEZ VELHO

Origem de varias locuções, adagios e anexias.

Não conheço Flamengos à meia noite

É frequente no nosso povo empregar o nome de outros povos como uma das maiores injurias: *Cafre*, significa malvado, *Alarve*, comilão, *Cigano*, usurario, etc. *Picardia* significa a piraça ou acto aggressivo recebido de quem menos se esperava; *alicantina* (sub. Alicante) exprime uma traficancia industriosa; *Palerma*, é o broma ou imbecil. O nome de *Flamengo*, acha-se com sentido hostile na locução: *Não conheço Flamengos à meia noite*.

«E para ser meu açoite
Conheceis á meia noute
Flamengos se queijos são.»

Serrão de Castro, *Os Ratos*,
pag. 139.

Em Hespanha achamos o nome de Flamenco no mesmo sentido de cigano e aciganado. Machado y Alvarez não deriva este nome dos Flamengos que vieram á Hespanha sob Carlos I. D'esta epocha data a palavra *Frاندunagem*, ou *frاندulagem*, significando a linguagem misturada com vocabulos de Flандres.

A ferida do cão cura-se com o pello do mesmo cão

Diz Tylor, na *Civilisação primitiva*: «A expressão *Um pello do cão que vos morda* não era originariamente nem uma metaphora, nem um dito picante, mas uma verdadeira receita para curar a mordedura de um cão, e que nos fornece umas das antigas e numerosas applicações da doutrina homeopathica, segundo a qual o que dá a doença tambem a cura. O mesmo dictado se acha nos Eddas scandinavos: *O pello do cão cura a dentada.*» (*Hamaval*, 138). O povo portuguez tem o mesmo dictado, com o seu primitivo intuito pratico: *A ferida do cão cura-se com o pello do mesmo cão.*

Comei, mangas, aqui, a vós
honram e não a mim

Este adagio provem de um conto popular, que se encontra na Italia e n'outros paizes, e de que o sr. J. Leite de Vasconcellos recolheu, no Porto, uma versão portugueza, que publicou a pag. 57 da *Revista do Minho*, anno 1.º.

Quem não te conhecer que te
compre

Tem a sua origem este adagio no conto do estudante que

se substitue ao burro que vaé á feira; conto que vem narrado na *Hora de Recreio* do Padre João Baptista de Castro (vol II, pag. 13), e já anteriormente contado por Bateau.

Enterrar os mortos e cuidar dos vivos

Por ocasião do terramoto de 1755, attribue-se ao Conde de Oeiras o celebre dito: *Enterrar os mortos e cuidar dos vivos!* synthetisando assim a sua energia: Esta resposta... não foi do ministro, mas sim do illustre general Pedro d'Almeida, Marquez de Alorna, a quem el-rei fez a pergunta e que respondeu:

Sepultar os mortos,

Cuidar dos vivos

E fechar os portos.

Parorama, t. III, pag. 140.

Não sou gorgulho que vá ao seu sacco

Este adagio tem a sua origem no conto *Tiê Taco*, que vem narrado a pag. 216, vol. I. dos *Contos Tradicionaes do Povo Portuguez*, do snr. Theophilo Braga.

Cada um sabe onde lhe aperta o sapato

Tem origem este adagio no bem conhecido conto do marido, que pertende divorciar-se, e o juiz, que intentá persuadil-o de que não tem razão para tal.

Hespanhol rabudo...

Já conta alguns seculos o prejuizo louco com que o vulgo portuguez chama aos castelha-

nos—*rabudos*—, como se nascessem com um grande e vergonhoso rabo. Mas não ha que admirar n'isto; pois todas as nações confinantes, entre quem houve guerras, odios, invejas etc., se costumam reciprocamente injuriar com anexins e apodos, ou bem ou mal fundados. E se os portuguezes chamam aos espanhoes—*rabudos*—estes os tratam de—*judios*—.

Os francezes tambem chamam aos inglezes—*rabudos*—, e isto tomado d'uma palavra equivocada, assim como significa *bizarro*, *guapo* e *bem alinhado*, egualmente quer dizer *rabudo*.

Dois fundamentos tiveram os portuguezes para chamarem aos castelhanos—*rabudos*—.

O primeiro foi a baleia que correu de que a rainha D. Brites, mãe d'el-rei D. Diniz, e descendente por sua mãe da casa de Gusmão (que diziam tivera alguns filhos com rabo) nascera com cauda. E subiu tanto de ponto tão grosseiro prejuizo, que das choupanas entrou pelos palacios, e el-rei D. Sebastião, no primeiro d'agosto de 1569, fez abrir todas as sepulturas dos reis que estão no mosteiro d'Alcobaca, com o pretexto de ver o estado de seus corpos; mas na verdade só a fim de fazer examinar no da rainha D. Brites a tal suspeita, que se achou ser inteiramente falsa.

O segundo fundamento, e que assim se pode chamar, foi que esta introduziu em Portugal as cotas de rabo, ou caudatas, de que usavam antigamente as maiores senhoras e princezas. E a trugalidade portugueza, estranhando o traje, deu o titulo de *rabuda*

á introductora d'elle.

E d'aqui, por desprezo, se attribuiu aos castelhanos o mesmo tituto.

De Vizeu cão sim, homem não

Tem a sua origem este anexim no seguinte caso:

«Um homem de Vizeu hospedou-se em Braga em casa de um certo sujeito, que o tratou muito bem; mas tarde este sujeito foi a Vizeu, e aquelle não o conheceu, mas conheceu-o o cão porque começou a fazer-lhe muitas festas».

A espada vae na burra

Eis a origem deste anexim, ou *apôdo local*:

«Penajoia é a terra das cerejas temporãs, e até se conta que as mulheres ourinam ao pé das cerdeiras, para as cerejas amadurarem mais cedo. Os habitantes de Penajoia foram uma vez com armas até aos Padrões da Teixeira atrás de um melro que levava uma cereja no bico.» Os de Penajoia dão por paus e por pedras em lhes dizendo; «a espada vae na burra».

Fallar uma alma...

A crença nos *phantasmas*, como fórmãs da alma depois do passamento, que é a base da maior parte das crenças dos selvagens, é vulgarissima em Portugal; elles apparecem a pedir o cumprimento de alguma promessa, e fazem um ruido junto da pessoa a quem avisam, simulando o arrastar de grilhões, e chamam-se propriamente *almas penadas*. Na

Chronica dos Vicentes, um dos mais antigos documentos da historia de Portugal, o cavalleiro Henrique apparece ao seu pagem a pedir-lhe que o mude de sepultura. *Fallar uma alma* em alguem, que é como o povo explica o hystericismo e a epilepsia, acha-se entre os Esquimãos, como nas aldeias portuguezas.

Pirou-se. Pira-te. Vou-me pirando. O jogo da Pira

Um estudante queria comer sem pagar, e, andando uma vez á tuna, foi parar a casa de uma estalajadeira, onde pediu tudo o que lhe appeteceu. Depois de bem comido, tratou de se safar, e propoz á estalajadeira que lhe ensinaria um jogo novo, muito bonito.

—Então como é o jogo?

Disse-lhe o estudante:

—Pegue n'este novello, e deixe-me a ponta da linha, porque é o *jogo da Pira*, Ora veja como é que se joga.

Elle começa a puxar a linha, andando de costas para a porta, e a dizer; Pira, pira, pira.

Foi saindo, e, assim que se apanhou na rua, bota a correr dizendo: Pira por aqui abaixo. E ninguem mais o apanhou.

E' um João Ratão

João Ratão é o personagem de um conto popular em voga, e de que vem uma versão a p. 158 do vol. I dos *Contos tradicionais do Povo Portruez*.

Está pelas portas da Misericórdia

Pobrissimo: «Hoje nem ha a quem se peça um real, que todos estão (como lá dizem) ás *Portas da Misericordia pedindo para as almas.*» José Samil, *Ronda do Patriotismo*, fl. 10)

Mostra-lhe a ordem

Tem origem esta locução n'um conto popular pertencente ao cyclo do *Renard*, do qual publiquei uma versão (recolhida em Elvas) a fl. 32 do *Almanach Alemtejo* para 1885.

O sopro da vida. O sopro da morte

As doutrinas medicas egypcias consistiam na crença nos *espíritos vitaes*, d'onde se conserva ainda na linguagem usual a locução de *sopro da vida, e sopro da morte*, que entre o povo se traduz pela expressão generica de *flato, e ar*. Paracelso, que se apresentava como um reformador da medicina, não fez senão retrogradar a esta tradição egypcia; dizia elle no *Labyrinthus medicorum*: «a medicina deve provir d'este *espírito* que ha no homem. O que vem d'este espirito, ao qual regressa é o verdadeiro discipulo da medicina.»

Quem o é e consente é bem que lh'o chamem sempre

Tem a sua origem este adagio no *Caso do Tio Jorge Coutinho*, que vem narrado no vol. I p. 207 dos *Contos Traditionaes do Povo Portuguez*, do sr. Theophilo Braga.

Calças de coiro

Na linguagem popular ha uma phrase injuriosa, *Calças de coiro*, frequente na ilha de S. Miguel; sem duvida é uma persistencia da era em que se usavam vestimentas de pelle, mencionadas ainda em uma lei de 1253 (*Panorama*, t. XIII, p. 120); este uso era geral entre os Ligurios dos Alpes e os Bretões insulares, e a estas vestes chamavam os Gaulezes *Burakakai*. As bragas (de *brakai, braciae, e braies*) descritas por Diodoro Siculo (v. 30) são ainda synonimas de calças; estas bragas gaulezas eram uma vestimenta de todo o corpo para os Scythas; n'este sentido ainda nos campos se lhe chama o *bragal*.

Tem mão de finado

Na magia negra ou goetica, a *Mão de finado* ou *Mão da Gloria*, é um talisman tremendo, sobre que o povo conta muitas novel-las.

Lê-se na *Nova Floresta*: «Os artemagicos e as bruxas e feiti-ceiras aproveitam-se dos braços dos defunctos: o qual dizem que lhes serve do cirio ardendo, enquanto de noite fazem o seu malificio nas pessoas que estão dormindo; e acrescentam que o braço começa a arder pelos dedos com uma luz roxa, e sulfurea, mas acabada a obra fica inteiro, porque o demonio o accendia ou representava inteiro». O vulgo chama-lhe *mão refinada*.

FIM DO XII ANNO